



Novas Formas de Mediação Social: o dispositivo estético-discursivo *João Buracão* na construção de novos estados mentais coletivos¹

Karla Azeredo Ribeiro Marinho²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Juliano Sebastian³

RESUMO

Este artigo busca analisar um fenômeno recente de mediação social surgido no cenário carioca e que ganhou projeção nacional, o boneco *João Buracão*. Promovido pela mídia e pela participação popular, *João Buracão* tornou-se estratégia de denúncia de problemas cotidianos da cidade. O personagem crítico e bem-humorado se apresenta como mecanismo de mediação, interação e produção social de sentido e ao mesmo tempo ilustra a crise dos modelos de representação política e social tradicionais como partidos, sindicatos e associações no momento atual. A hipótese é que este fenômeno de mediação constitui um dispositivo estético-discursivo que propicia a reintrodução de cidadãos comuns na ágora pública, possibilitando uma experiência de construção de novas formas de ação coletiva e, por conseguinte, de imersão destes na tomada de decisão e deliberação de ações políticas.

PALAVRAS-CHAVE:

Mediação social; participação popular, representação política, cidadania.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O conceito de mediação tem despertado o interesse de diversas áreas de conhecimento, entre elas a Ciência Política, a Sociologia, a Educação, a História, Psicologia e a Comunicação Social. As contribuições para construção do conceito de mediação podem ser traçadas a partir de obras com tradições teórico-filosóficas distintas,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna do Programa de Pós Graduação em Comunicação - Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestranda no Curso de Tecnologias de Comunicação e Cultura da UERJ-RJ, e-mail: karibeiro1@yahoo.com.br.

³ Jornalista, atualmente cursando especialização em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais no Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: juliano.sebastian@gmail.com.



tais como *Foucault* (1996), *Barbero* (2003); *Habermas* (1984-1997), *Ricoeur* (1986); *Gellerau* (2006) e *Eco* (1997). O debate sobre a mediação fulgura nos espaços acadêmicos freqüentemente em temáticas diversas. No escopo deste artigo a temática em estudo visa discutir o surgimento de mediações que contribuem para o fortalecimento da democracia em um cenário de crise dos modelos de representação política (Gohn, 2003).

Barbero (2003) entende o fenômeno de mediação cultural como um *locus* onde as manifestações comunicacionais orquestram tramas culturais. Para o autor, as mediações coordenam estas manifestações, integrando cultura e comunicação na processalidade do cotidiano. As mediações dinamizam assim a cultura e são operacionalizadas pela comunicação.

Gellerau (2006) dialoga com Barbero, ao afirmar que a *mediação* pode ser entendida sob dois prismas: da “relação com um sistema” (a mediação social) ou o da “construção de sentido” (o processo interpretativo). Sejam quaisquer das acepções, a mediação implicaria em acompanhamento, controle e negociação de um terceiro ator social, enquanto o indivíduo, que se reconstrói por um processo de mediação, é impulsionado a aprofundar o seu ponto de vista e a descobrir outros.

Pensar a mediação pela lógica de Barbero (2003) e Gellerau (2006) elucida o entendimento desta como algo inerente a condição da sociedade contemporânea, uma vez que atualmente, a sociedade apresenta configurações de entrelaçamento entre sujeitos, informações, idéias e ações. Isso demonstra o estado de conexão dos elementos da cultura no momento atual, embora Latour (1994) compreenda este estado se constituindo em rede por meio do atravessamento entre as coisas do mundo ao longo da História ao analisar o projeto moderno. O fenômeno *João Buracão* é um exemplo da dinâmica de mediação destas relações, conjugadas em termos democráticos, que com inventividade pode se tornar capaz de fomentar agregação e formação de vínculos sociais, mobilização e formas de participação social, denunciando a crise de representação política que se materializa na omissão dos poderes públicos.



Da origem do fenômeno ao *lócus* de mediação social

João Buracão foi uma iniciativa que surgiu num contexto local na cidade de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro. Numa atitude inventiva, o borracheiro Jurandir da Rocha criou um boneco feito de jornal, espuma de colchão e papel higiênico com o objetivo de alertar os motoristas e transeuntes sobre um imenso buraco localizado em frente à oficina em que trabalhava. Segundo o borracheiro⁴, o boneco tornou-se uma figura representativa da má conservação da rua além de funcionar como sinalização para os veículos que ali circulavam para que estes ficassem atentos e diminuíssem a velocidade naquele perímetro.

Logo percebido pelo jornal impresso Extra⁵, que na ocasião fazia uma série de reportagens sobre a Região de Nova Iguaçu, o boneco ganhou destaque na primeira página do jornal. Imediatamente, após a publicação da matéria, as autoridades mobilizaram-se e diante da repercussão da notícia o buraco em questão foi tapado. No dia seguinte a manchete anunciava o *efeito João Buracão* no cumprimento do dever de responsabilidade da Secretaria de Obras Públicas.

A partir desse momento, *João Buracão*, surgido por uma iniciativa individual tornou-se um canal de expressão da insatisfação popular e passou a fazer parte do processo cotidiano de mediação social entre as instâncias políticas da comunidade local e o poder público. O uso midiático de *João Buracão* torna-o um dispositivo eficaz na fiscalização de obras de infra-estrutura nas ruas e estradas por todo o país, permitindo, inclusive que sua idéia seja facilmente replicada por outras comunidades que, se identificam com sua proposta de ativismo e vêem neste um caminho para solução dos seus problemas.

Com o aparecimento desta figura tornada icônica pelos processos de mediação midiática emerge um dispositivo estético-discursivo com efeitos de ativismo político que, como um personagem importado das antigas comédias gregas⁶, denuncia, fiscaliza e satiriza os buracos nas estradas e ruas da cidade.

⁴ Disponível em: <http://extra.globo.com/rio/video/2009/10464/>.

⁵ Disponível em: <http://extra.globo.com/rio/video/2009/10464/>.

⁶ Em sua comédia *Os cavaleiros* (apresentada pela primeira vez em 424 a.C), Aristófanes dialogava com o povo sobre os mandos e desmandos, usos e desusos do poder.



A presença do dispositivo pressupõe a insatisfação de uma comunidade, que reclama a eficácia das políticas públicas que tangem seus espaços e interesses, e assim assume a geração de experiência de envolvimento que, nas palavras de Ouriques (2009), “é a própria experiência da comunicação, esta como rede, que por sua vez é a própria experiência do humano”.

Por dispositivo Deleuze (1990) considera, a partir do pensamento de Foucault, um conjunto multilinear de práticas inscritas no saber, poder e subjetivação. Antes de ser pensado como um aparato técnico, uma máquina ou equipamento, um dispositivo remete a regimes de visibilidade, enunciação e força, que se entrecruzam e se misturam.⁷ *João Buracão* surge como um dispositivo, tal como na concepção de Deleuze, na medida em que nele se articulam estes regimes como vetores ou tensores, onde estes se transportam. Desse modo, pode-se entender *João Buracão*, como uma “máquina” de fazer ver e de fazer falar, tal como são analisados os dispositivos por Foucault.

João Buracão inaugurou numa instância macropolítica⁸, na acepção de Petersen (1988), um novo dispositivo estético-discursivo de mediação social, onde, logo percebida sua notoriedade enquanto fenômeno obteve destaque ainda maior ao ganhar um quadro no Programa Fantástico da Rede Globo de Televisão, elevando seu status de ações coordenadas em nível micro para macropolítico, uma vez que suas ações foram estendidas por todo o país fiscalizando, inclusive, buracos por estradas federais.

O papel exercido por *João Buracão* corrobora a idéia do sociólogo Durkheim (1986), quando este entende o indivíduo como produto da realidade social, representando-a por meio de uma consciência coletiva. A associação dos indivíduos produz esta realidade social que sobrepõe às partes que os formam e cria uma “unidade” que se manifesta por meio de ações coletivas. *João Buracão* ao articular uma mediação entre o poder público e o cidadão comum cumpre o mesmo papel que o agenciamento formal de um texto que é o de

⁷ O entendimento de dispositivo é feito por Deleuze a partir do pensamento de Foucault (1990).

⁸ De acordo com Petersen (1988) a ciência política entende a instância micropolítica como sendo uma visão baseada na análise do comportamento político, individual e de pequenos grupos, de atitudes, de aspirações, objetivos, metas, fins, ações políticas e suas influências no funcionamento enquanto que a instância macropolítica tem a visão baseada na análise da totalidade do sistema político, enfocando as relações interinstitucionais em nível nacional e internacional.



conduzir o ser humano a um processo interativo e relacional com o mundo que o cerca, tendo em vista, como afirma Ricoeur (1986) que “o que deve ser interpretado, num texto, é uma proposição de mundo, de um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próximos.”

João Buracão, como canal de denúncia, se apresenta como dispositivo mediador das relações do corpo social em busca de novas proposições relativas ao espaço urbano. Ao contrário do fluxo de palavras presente no processo convencional de comunicação, que é propício a geração de ruídos, distorção de palavras, pressupõe várias interpretações, “resíduos, impregnações e latências insustentáveis” (Maturana, 1997), a linguagem⁹ criada por *João Buracão* elimina esta possibilidade por se tratar de um dispositivo estético que viabiliza a subjetivação¹⁰ dos atores sociais, fazendo com que estes tenham sua força de expressão afetando a si mesmos no seu próprio *locus* de experiência cotidiana.

João Buracão e a crise dos modelos de representação política

Quando na ausência de mecanismos que permitam acesso público efetivamente na tomada de decisão ou mesmo na produção de sua subjetivação, surge uma brecha nesta dinâmica, criando um novo espaço de diálogo no âmbito de toda a esfera social. O ideal democrático sugere que uma “sociedade deve contar com instituições plurais que possibilitem a divisão do trabalho deliberativo através de intercâmbios vibrantes entre o público e todas as organizações democráticas” (Habermas, 1997), onde, nesta lacuna, *João Buracão* se legitima.

Na cidade do Rio de Janeiro, o dispositivo em questão, apelidado como “guardião do asfalto”, ocupou essa brecha na expressão do cidadão junto à esfera política na tentativa de minimizar o déficit democrático existente nas sociedades contemporâneas, pelo crescente distanciamento entre a experiência cotidiana dos cidadãos e a decisão tomada em seu nome (Smith, 2000), que existe na mediação das Ouvidorias e de instituições

⁹ A linguagem criada por João Buracão é entendida aqui como aquela cujo objetivo é comunicar sem o ato convencional da linguagem formal preenchida por palavras, mas sim por signos lingüísticos não-verbais. Jakobson (1981).

¹⁰ A subjetivação é o resultado do engendrar histórico, político e ideológico do sujeito social independente de suas pulsões. Como processo é uma individuação, pessoal ou coletiva, de um ou de vários. Deleuze (1990).



participativas dos mais diversos desenhos institucionais que reformataram representatividade e participação no Brasil após a democratização de 1988 (Avritzer, 2008).

Enquanto pelo senso comum *João Buracão* é tido como *autoridade cognitiva*, cabendo aqui a definição de Wilson (1983) como o tipo de autoridade que influencia na forma como as pessoas pensam ou compreendem as coisas, um tipo particular e diferenciado de autoridade que se distingue, principalmente, do que se denomina de “autoridade administrativa” — uma autoridade estabelecida em uma posição hierárquica, por imposição ou por situação; para a comunidade científica ele pode ser analisado em muitos recortes como tecnologia, instrumento, e dispositivo de mediação que objetiva fazer interface entre um e outro ator social. Mas sua função social torna-se diferente dos demais dispositivos, por sua estética própria buscar explicitamente o apelo pela presença das autoridades onde estas costumam se ausentar.

Refletindo ainda acerca do pensamento de Ouriques¹¹, como experiência de linguagem, *João Buracão* propõe o esfacelamento dos obstáculos do direito à participação e na representatividade política, pensando nas dinâmicas que este articula como relações de inclusão e exclusão do processo de deliberações políticas empreendidas no espaço público e do controle social destes. O que começou como ação individual agora se estende numa rede coletiva de mediação e renegociação de conflitos sociais em torno do território nacional.

No *Jornal Extra*, onde *João Buracão* foi apresentado oficialmente à comunidade, o personagem não somente permanece no veículo em sua forma impressa, como também no formato online, onde possui um *link* no qual o leitor se apresenta como agente ativo de uma denúncia, para que estas sejam averiguadas por *João Buracão*. O cidadão também dispõe de um blog onde se organiza, discursa e forma uma comunidade em torno do tema da ausência dos poderes públicos no espaço de experiência social.

Esta dinâmica em rede configura o que Moraes (2001) define como *ciberativismo*, onde movimentos politicamente motivados utilizam a Internet com o intuito de alcançar suas tradicionais metas ou lutar contra injustiças.

¹¹ Oficina Construção de Atitudes Mentais Democráticas: o Nó Górdio do Direito à Comunicação, INTERCOM Sudeste, 2009.



O ciberativismo alicerça campanhas e aspirações à distância, no compasso de causas que se globalizam (combate à fome, defesa do desenvolvimento sustentável, preservação do equilíbrio ambiental, direitos humanos, luta por um sistema de comunicação pluralista).¹²

No uso do espaço virtual, de acordo com Barbero (2003), ocorre a condensação e interação de interesses que tem como desdobramentos mediações social e conflitos simbólicos construindo assim a opinião pública. As pessoas interagem localmente ou ultrapassam a fronteira geográfica, colocando o personagem *João Buracão*, antes numa dimensão local, agora sob uma nova perspectiva glocal¹³. Além de ter sido transformado num canal de Ouvidoria Nacional – onde todas as denúncias de buracos a serem cobertos passam por este que atua agora como interface do cidadão comum com o poder público - *João Buracão* é tido, inegavelmente, também como “autoridade” responsável pelo fechamento dos buracos em todo o país. O personagem se materializou como um símbolo de exercício de cidadania, mediador das negociações entre o cidadão comum e o poder público e um instrumento de produção de subjetividade social.

João Buracão é um novo dispositivo de ratificação pública¹⁴ na ambiência do espaço social, assumindo uma relação de fiscalização da manutenção do bem público sob responsabilidade dos governos de competência. O personagem negocia e constrói uma relação discursiva com a esfera pública diariamente ao se colocar como símbolo de uma luta social, “com o poder de renovar os processos subjetivos, provocar mudança¹⁵”.

Observar as relações de poder que se constituem a partir da apropriação que a mídia faz do dispositivo estético discursivo *João Buracão* é perceber a dimensão

¹² Definição de Dênis de Moraes para o termo *ciberativismo* em seu ensaio *Ativismo Virtual* (2000).

¹³ O conceito de “glocal” é utilizado por Trivinho que o caracteriza como uma justaposição de uma esfera global a uma esfera local: a partir de um meio de comunicação operando em tempo real um ambiente glocalizado, no qual o sujeito se vê inmerso em um contexto simultaneamente local (o espaço físico do acesso, mas também o seu meio cultural) e global (o espaço mediático da tela e da rede, convertido em experiência subordinativa da realidade).

¹⁴ Avritzer (2008) diz que ratificação pública é um desenho participativo que não começa o processo de deliberação política, mas finaliza um processo já iniciado no âmbito do próprio Estado com o envolvimento de grande número de atores sociais.

¹⁵ Expressão cunhada pelo pesquisador Fernando do Nascimento Gonçalves para descrever sua percepção acerca do tipo de ação de comunicação e sociabilidade desenvolvida pelos coletivos de artistas.



comunicativa deste enquanto expressão imanentemente social e coletiva além de colocar em destaque a crise de legitimidade do poder público, da representação política¹⁶.

Esta crise de legitimidade em conjunto com os efeitos do poder conferido ao *João Buracão* se evidencia através da eficácia em conseguir “audiências particulares” com prefeitos de algumas cidades do Estado do Rio de Janeiro¹⁷, enquanto o cidadão comum não dispõe desta mesma oportunidade de dialogar face a face com seus representantes eleitos.

Para entender o poder assumido pelo dispositivo, deve-se debruçar sobre a concepção de Foucault (1996) sobre o poder. O autor vê o poder como uma *relação* e não como uma “propriedade”. Foucault enfatiza que não são por suas vontades conscientes ou por suas liberdades de atuação que os “indivíduos” seriam caracterizados, mas sim por um “conjunto de condições que os possibilitam cumprir uma função de sujeito”¹⁸. Diante da condição de insatisfação da população pela ineficiência do poder público, *João Buracão*, atua como sujeito (agente) capaz de disseminar práticas de poder, fazê-lo funcionar em rede, onde os indivíduos se articulam e sempre estão em posição de exercer este poder ou mesmo sofrer os efeitos dele.

João Buracão regula relações de força por sua ação mediadora, de articulação de discursos e práticas sociais, onde mídia, governo e população negociam constantemente o cumprimento dos deveres assumidos pelo Estado com o cidadão.

Desdobramentos sociais do fenômeno *João Buracão*

A cultura da mídia¹⁹ se apropria da identificação do público com a proposta de mediação entre o dispositivo estético-discursivo e o poder público e faz o agenciamento do

¹⁶ A crise de representação política é abordada por autores como Canclini (1997), Castells (1999) e Manin (1997).

¹⁷ Disponível em: <http://extra.globo.com/rio/materias/2009/03/18/prefeito-de-nova-iguacu-recebe-joao-buracao-754885778.asp>; http://extra.globo.com/blogs/joaoburacao/post.asp?t=o-historico-encontro-com-eduardo-paes&cod_post=166302.

¹⁸ Para Foucault (2005), o poder é múltiplo, automático e anônimo. Logo, não se pode possuí-lo “como uma coisa”, tampouco usufruí-lo e/ou repassá-lo “como uma propriedade”. Ademais, seu funcionamento articula-se como “uma rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede ‘sustenta’ o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apoiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados”.

¹⁹ A expressão cultura da mídia é cunhada aqui para relacionar a convivência das mídias descrita por Santaella (2004), onde a autora articula a cultura da mídia como o momento em que novos hábitos são introduzidos na sociedade por meio



diálogo de *João Buracão* com outros formadores de opinião nos espaços midiáticos destinados à cultura de massa tal como, no programa Mais Você²⁰, quando o boneco é recebido pela apresentadora como uma personalidade ou quando este é incorporado à teledramaturgia fazendo participação especial no horário nobre da novela²¹; quando ele é colocado instalado junto a jornalistas²²- entendidos como autoridades cognitivas pelo cidadão comum- na programação do horário nobre de domingo.

Além da presença constante num quadro semanal do Fantástico, o que nos remete a teoria de *agenda setting*²³, *João Buracão* atuando em território nacional tornou-se um enunciador dos problemas de infra-estrutura do país, mas com presença marcante no Estado do Rio de Janeiro, seu lugar de origem, através do blog que tem hospedado na página diária do Jornal Extra. Em seu blog o personagem descreve seus feitos, denuncia e fiscaliza as promessas feitas acerca do que foi noticiado, além de registrar sua passagem por cidades de outros Estados e países.

Para ampliar o entendimento do campo de ação do fenômeno em discussão, podemos colocá-lo sob duas formas de organização cotidianas do coletivo que geram ações táticas e estratégicas (Certeau, 1994). Enquanto as primeiras têm o objetivo de causar um efeito imediato e pontual, sendo, portanto efêmeras as outras objetivam um fim específico e de longa duração. Aproximando o fenômeno *João Buracão* destas formas de organização, observa-se num primeiro momento, uma ação com objetivo de efeito imediato, ação essa na definição do autor, tática. Entretanto, pelo caráter assumido por *João Buracão*, atuando antes numa instância micropolítica (apenas na cidade do Rio de Janeiro) e agora macropolítica (atuando em todo o território nacional), o dispositivo estético-discursivo

do trânsito da informação em diferentes mídias. A cultura da mídia seria situada na transição da cultura de massa para a Cibercultura.

²⁰ Disponível em: <http://maisvoce.globo.com/MaisVoce/0,,MUL1099414-10345,00.html>

²¹ Disponível em: <http://blogs.abril.com.br/caminho-das-indias-novela/2009/05/joao-buracao-fara-participacao-na-novela.html>

²² Disponível em: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1124827-15605,00.html>

²³ Segundo Walter Lippmann, o conhecimento que as pessoas têm do mundo exterior é formado pela seleção midiática de símbolos presentes no mundo real, criando uma relação entre a agenda midiática e agenda pública. (McCOMBS, 2004).



pode ser entendido como uma ação tática transformada em estratégica, por ter um objetivo imediato em dada localidade, mas um fim específico na totalidade do território brasileiro.

Deste modo, se prescrevem e se produzem em diversos territórios novas formas discursivas e de subjetivação, onde o dispositivo estético-discursivo *João Buracão* se apresenta estrategicamente como canal de negociação entre a sociedade e o poder público em busca de ações efetivas para melhorar as condições de vida do cidadão no exercício democrático da cidadania e na gestão participativa do espaço público.

Verifica-se neste cenário a imbricação de identidades²⁴ diversas que comungam com o dispositivo estético-discursivo, uma vez que nele se encerram todas estas instâncias que se fundem em uma só, formando um híbrido²⁵: *João Buracão*. O dispositivo atua como “voz” do cidadão comum, ora como fiscalizador, ora gestor público (quando sua presença representa imediato cumprimento de um dever), ora como promotor público (que investiga, aponta e acusa os culpados)²⁶.

O híbrido se constitui pela simbiose entre os vetores que se entrecruzam em *João Buracão*, enquanto mediador, canal de denúncia, produzindo sentidos e experiências múltiplas, olhares diversos, identificação de comunidades diversas, inaugurando uma criativa e profunda transformação de uma ação individual para mobilização e criação de uma ação coletiva, desatando parte dos nós górdios do direito a comunicação e a expressão, descritos por Ouriques²⁷, prescrevendo noutras formas de linguagem, que não aquela restrita aos estudos linguísticos, a mediação das negociações sociais no espaço público.

Seus efeitos são cada vez mais sensíveis nessa nova interação construída a partir da mediação social na esfera pública quando é referência para o surgimento de outros dispositivos estético-discursivos tal como o Repórter Lampião²⁸, personagem criado pelo

²⁴ Pensar a identidade como ponto de confluência de interesses e de construção de iniciativas capazes de fazer frente aos desafios da ordem global, presente na análise de Manuel Castells(1999).

²⁵ O híbrido é o resultado do entroncamento de origens diversas, que aqui, se refere a junção de várias instâncias representativas.

²⁶ Disponível em: <http://extra.globo.com/blogs/joaoburacao/> quando este elege o Prefeito Buracão do mês.

²⁷ Oficina Construção de Atitudes Mentais Democráticas: o Nó Górdio do Direito à Comunicação, INTERCOM Sudeste, 2009.

²⁸ Disponível: http://odia.terra.com.br/porta/rio/html/2009/4/a_seguranca_publica_nos_tempos_do_lampiao_3816.html



Jornal O Dia, onde leitores levam um lampião para ruas com recorrentes problemas de iluminação para pressionar as autoridades pela solução. Ademais, *João Buracão* estimulou a criação de outros personagens por todo o país²⁹, que se unem a iniciativa do boneco de satirizar e denunciar o descaso das autoridades para com a infra-estrutura das ruas e estradas, saneamento básico, limpeza pública e saúde pelo país³⁰.

Desse modo pode-se entender o uso do dispositivo estético-discursivo *João Buracão* como uma tecnologia, pois é o seu uso que vai prescrever as práticas sociais observadas, neste caso, como recurso que pressupõe a participação política no processo de fiscalização, controle e gestão de políticas públicas para benefício de dada comunidade. Habermas (1984) define a esfera pública como um âmbito da vida protegido por influências não comunicativas e não racionais, como o poder e as próprias hierarquias sociais. Assim está a realização da esfera pública em sua plenitude, onde, emerge como autoridade aquele que tem o melhor argumento.

A partir dos pressupostos de Habermas, pode-se refletir sobre os “argumentos sógnicos” de *João Buracão* que o qualificam como autoridade onde sua ação, numa perspectiva coletiva, se desdobra diante da visibilidade oferecida por diversos meios de comunicação. Isto propulsiona a geração de novos espaços de diálogo e renegociação da população com o poder público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar *João Buracão* como uma forma de participar direta ou indiretamente do exercício do poder político é entendê-lo como um dispositivo capaz de mediar ações democráticas de ampla reverberação social, promovendo novas modalidades de ação política no exercício da cidadania que “definiu-se, com efeito, sempre por referência a uma

²⁹ Disponível em: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0..MUL1165738-15605.00.html>;
<http://www.vooz.com.br/noticias/joao-buracao-ganha-amigos-ze-do-lixo-buraconildo-e-ze-vergonha-4149.html>;
<http://www.jusbrasil.com.br/politica/2698975/o-efeito-joao-buracao>

³⁰ Disponível em <http://pe360graus.globo.com/videos/cidades/saneamento/2009/05/16/VID.10428.4.71.VIDEOS.879-JOAO-BURACAO-GANHA-IRMAO-PERNAMBUCANO-BAIRRO-ARRUDA.aspx>



comunidade política, onde seu atributo essencial é o direito de participar, direta ou indiretamente, no exercício do poder político³¹”.

Se como afirma Paiva (2007) o processo comunicacional “implica ações pragmáticas que traduzam os vínculos afetivos, sensoriais e lingüísticos entre homens”, pode-se concluir que, *João Buracão* como dispositivo estético-discursivo de mediação social, pode ser claramente percebido como parte deste processo uma vez que ele inaugura em sua função midiática a relação entre estas pulsões (insatisfação, abandono, revolta e reivindicação) que são partes integrantes do híbrido *João Buracão*.

Umberto Eco (1997, p. 279) apresenta em sua obra *Estrutura Ausente* uma reflexão acerca da cultura que, para o autor, “consiste em dar significados ao mundo natural feito de presenças, isto é, em converter as presenças em significados”. Trazendo para o caso em questão, essa afirmação pode-se traduzi-la a favor da proposta deste novo dispositivo estético-discursivo, pois nele a presença pura e simplesmente indica seu significado, povoando novas subjetivações a partir de sua ação na esfera social.

Pela apropriação das palavras de Eco, *João Buracão* torna-se “um sistema de significados, ao mesmo tempo estável e mutável”, cujas estruturas estão a serviço da mediação dos discursos das coletividades, entretanto, deslocando sua ação, inicialmente tática (numa perspectiva micropolítica) para uma ação estratégica (numa perspectiva agora, macropolítica).

Em sua complexidade, a proposta de estudo do dispositivo estético-discursivo *João Buracão* é articular a questão da mediação social na contemporaneidade em épocas de crise das formas tradicionais de participação e representação política. Este estudo nos remete à problematização da crise de representação política a partir do surgimento de dispositivos alternativos de mediação entre poder público e sociedade, e como estes dispositivos se desdobram quando são incorporados pela cultura da mídia, e por ela iluminados.

³¹ Igreja (2004 *apud* CONSTANT, 1998).



REFERÊNCIAS

AVRITZER, Leonardo. Instituições Participativas e desenho institucional: algumas considerações sobre a variação da participação no Brasil democrático. *Revista Opinião Pública*, Campinas, vol.18, n.1, 2008.

BARBERO, Jesús Martin-Barbero. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio e Janeiro, Editora UFRJ, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos Conflitos multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - A sociedade em rede*. Volume 1. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994, 3ª edição.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense, 1986.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo. Editora Perspectiva S.A. 7ª Edição, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Editora Paz e Terra S/A, 1996.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 2005.

GELLEREAU, Michèle. *Pratiques culturelles et médiation*. In: OLIVESI, Stéphane (dir.). *Sciences de l'information et de la communication : objets, savoirs, discipline*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2006.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na atualidade: manifestações e categorias analíticas. In: GOHN, Maria da Glória (Org). *Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros. In: XVIII Encontro da COMPÓS - Encontro Anual de Programas de Pós-graduação em Comunicação . Texto apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade”, 2009.



HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro, 1984.

_____. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

IGREJA, Manuel de Azevedo Almeida. A educação para a cidadania nos programas e manuais escolares de história e geografia de Portugal e História - 2.º e 3.º ciclos do ensino básico: da reforma curricular (1989) à reorganização curricular (2001). Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade do Minho- Instituto de Educação e Psicologia, Braga – 2004. (Orientador: Prof. Manuel Gonçalves Barbosa).

JAKOBSON, R. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1981.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MANIN, Bernard (1997). *The Principles of Representative Government*. Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press.

MATURANA R., Humberto; VARELA GARCIA, Francisco J; ACUÑA LLORENS, Juan. *De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Medicas: 1997.

McCOMBS, Maxwell. *Setting the Agenda: The Mass Media and Public Opinion*. Polity Press, Cambridge, 2004.

MORAES, Dênis de. O ativismo digital. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em 18 de maio de 2009.

OURIQUES, Evandro Vieira. Comunicação, palavra e políticas públicas: a importância do conceito envolvimento para a construção da cidadania sustentável. Revista Z, Programa Avançado de Cultura Contemporânea-PACC.FCC.UFRJ. Rio de Janeiro. A. NO V, Nº 2.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Muito além do bem e do mal: um ensaio sobre o medo, a mídia e a cidade. In: FREITAS, Ricardo Ferreira.; NACIF, Rafael (orgs). *Redes Urbanas, comunicação, arte e tecnologia*. Rio de Janeiro. Editora Eduerj, 2007.



PETERSEN, Aurea. *Ciência Política: textos introdutórios*. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1988.

PIERCE, Sanders. *Semiótica e Filosofia*. Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultix, 1993.

RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action. Essais d'hermeneutique II*, Paris, Seuil. Tradução Portuguesa (1986) *Do texto à acção, ensaios de hermenêutica II*, Porto, Rés Ed.

SANTAELA, Lucia. *Cultura e Artes do Pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SIMÕES, Roberto Porto. Relações Públicas e micropolítica: um estudo comparativo de seus processos e programas. Revista FAMECOS: Porto Alegre, nº 7 , 1997.

SMITH, Graham. Toward deliberative institutions. In: SAWARD, Michael. *Democratic innovation: deliberation, representation and association*. New York: ECPR Studies, 2000.

TRESCA, Laura Conde. Condicionantes para Análise de Políticas Públicas Locais de Comunicação. Trabalho apresentado na NP Políticas e Estratégias de Comunicação, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008.

WILSON, P. *Second-hand Knowledge: An Inquiry into Cognitive Authority*. Westport Greenwood Press. 1983.